

O ESTEREÓTIPO SEXUAL NO COMPORTAMENTO LÚDICO DAS CRIANÇAS EM IDADE PRÉ-ESCOLAR

VITOR PIRES LOPES

Licenciado em Educação Física

Mestrando em Ciências da Educação / Metodologia da Educação Física

Docente na E.S.E de Bragança

RESUMO

O objectivo deste estudo é fazer uma análise do estereótipo sexual no comportamento lúdico em crianças de 4 e 5 anos de idade com base em dados recolhidos através da observação sistemática, analisando-se também o espaço de jogo como factor influenciador do comportamento lúdico. A técnica estatística usada foi a ANOVA factorial e a prova t de Student. Os resultados indicam que sexo das crianças é um factor de grande influência nos tipos de jogo praticados. O jogo das meninas é menos activo do que o dos meninos. Verifica-se, também, uma clivagem na interacção dos dois sexos. É levantada a hipótese da acentuação das diferenças com o aumento da idade.

INTRODUÇÃO

O jogo que se apresenta como uma realidade universal, tem sido estudado por psicólogos, antropólogos, etólogos e outros cientistas do comportamento, construindo cada um deles a sua própria teoria do jogo. O campo de investigação da actividade lúdica da criança é, pois, muito vasto, podendo ser abordado segundo várias concepções e pontos de vista.

Neste estudo propomo-nos abordar as actividades lúdicas das crianças em idade pré-escolar, realizadas no recreio e na sala, enquanto fenómeno revelador de uma socialização e/ou socializador. Neste sentido consideramos que toda a actividade/comportamento livre e espontâneo da criança é jogo ou actividade lúdica. Pretendemos, assim, verificar se existem e quais são as diferenças entre sexos na actividade lúdica, em crianças de 4 e 5 anos de idade, partindo do pressuposto que a criança reflecte, e ao mesmo tempo exercita, naquela o seu processo de socialização quanto ao assumir de papéis e estatutos sexuais. Para além do

esterótipo sexual analisaremos outros factores de influência nas características do jogo das crianças, como seja a idade e o local de jogo.

São diversos os autores que sustentam que, desde as idades mais baixas, existem características no jogo próprias de cada sexo.

No jardim de infância, onde muitos estudos têm sido realizados, os rapazes são descritos como exibindo uma maior preferência para jogos de construção com blocos, para temas de aventura e para uma larga variedade de temas de fantasia durante o jogo dramático, enquanto as raparigas mostram uma maior tendência para preferirem jogos dramáticos envolvendo actividades domésticas e jogos de bonecas (MALOYD, 1980, RUBIN et al, 1976, TAUBER, 1978). HARTUP (in HETHERINGTON, 1983) diz que a interacção entre rapazes pequenos se centra nos jogos de construção e brinquedos móveis, enquanto que a interacção entre raparigas pequenas se centra no jogo dramático e em actividades de mesa. É interessante notar que estas diferentes tendências conforme o sexo no jogo das crianças, tem sido usada como medida da masculinidade e feminilidade nas crianças (ROSENBERG e SUTTON-SMITH, 1960 citados por CRATTY, 1982). Os dados daquelas observações foram confirmados por inquéritos e entrevistas às crianças em idade escolar e pré-escolar. As raparigas assinalaram gostarem mais de jogos do tipo “casinhas” e “bonecas” enquanto os rapazes assinalaram preferir “cowboys”, “soldados” e “pólicas e ladrões” (SUTTON-SMITH; ROSENBERG; MORGAN, 1963, ROSENBERG e SUTTON-SMITH, 1959, referidos por RUBIN et al em HETHERINGTON, 1983).

As diferenças entre os dois sexos na actividade lúdica é tal que é possível definir, quer na sala quer no recreio do jardim de infância, espaços próprios para cada sexo. HARTUP (in: HETHERINGTON, 1983) refere um estudo que utilizou o tempo de permanência nessas zonas como variável de medida do estereotipo sexual precoce (SEARS, RAN e ALPERT, 1965). Este facto é também confirmado por um estudo realizado por COSTA (1990) no recreio de uma escola preparatória, a autora refere que existem zonas exclusivamente utilizadas pelos rapazes e zonas exclusivamente utilizados pelas raparigas nos seus jogos.

Dados os resultados acima apresentados podemos por uma questão óbvia: quais os factores que contribuem para as diferenças entre os sexos no jogo das crianças?

A socialização e factores como as preferências de brinquedos e a interacção com crianças do mesmo sexo ou com crianças do sexo oposto parecem ser variáveis com significado explicativo.

No meio familiar o pai tende a jogar mais com os rapazes através de jogos de destreza física do que com as raparigas (TAUBER, 1979). Estes jogos de destreza física no lar durante a infância podem ser o precursor de os rapazes apresentarem jogos mais activos. No que diz respeito aos brinquedos, os pais das crianças pequenas oferecem aos rapazes mais carros, materiais de construção e poucos brinquedos do tipo doméstico, bonecas por exemplo, acontecendo o inverso relativamente às raparigas (LANGLOIS, 1980). Os brinquedos oferecidos aos rapazes são brinquedos que na generalidade estimulam a actividade física (bolas, skates, etc.) e o carácter de ficção dos papeis representados no jogo (pistolas, espadas, etc.), enquanto que os brinquedos oferecidos às raparigas tendem a estimular, sobretudo, actividades domésticas.

A existência de uma clivagem na interacção entre os sexos é bastante conhecida. As crianças de todas as idades associam-se mais frequentemente com membros do seu próprio sexo do que com membros do sexo oposto (JACKLIN e MACCOBY, 1978). As interacções de cooperação entre crianças do mesmo sexo são quase quatro vezes mais frequentes do que com o sexo oposto (SERBIN et al, 1977). As raparigas podem ser observadas aos pares mais vezes que os rapazes. E os rapazes congregam-se mais em grupos largos e coesos mais vezes que as raparigas. Estas diferenças são observadas desde os anos pré-escolares, através da segunda infância, até à adolescência.

METODOLOGIA

As observações decorreram em duas classes dum Jardim-de-Infância da cidade de Bragança, uma com crianças de 4 anos de idade e outra com crianças de 5 anos de idade.

Os dados foram recolhidos através de observação e entrevista, sendo observado o comportamento das crianças em actividade livre. Usamos um sistema de observação com categorias bem definidas, e por nós construído com base na classificação dos jogos segundo Roger Caillois (competição; sorte; simulacro e vertigem) e na classificação do jogo segundo o nível de participação social de Parten (comportamento inocuado; jogo solitário; jogo paralelo; observa; jogo associativo e jogo cooperativo). Consideramos ainda a atitude predominante colocada na actividade lúdica pela criança (física, intelectual, sócio-afectiva e estética) (LOPES, 1988). Foi também registada a zona do espaço onde decorria o jogo ou actividade lúdica da criança alvo, assim como o sexo do(s) companheiro(s).

Os Locais de Observação

As figuras 1a e 1b representam respectivamente a sala de 4 anos e a sala de 5 anos, ambas divididas em zonas que se correspondem entre si (ver legenda). O recreio, representado na figura 2, está também dividido em zonas (ver legenda).

Figura 1 - Salas onde decorreram as observações

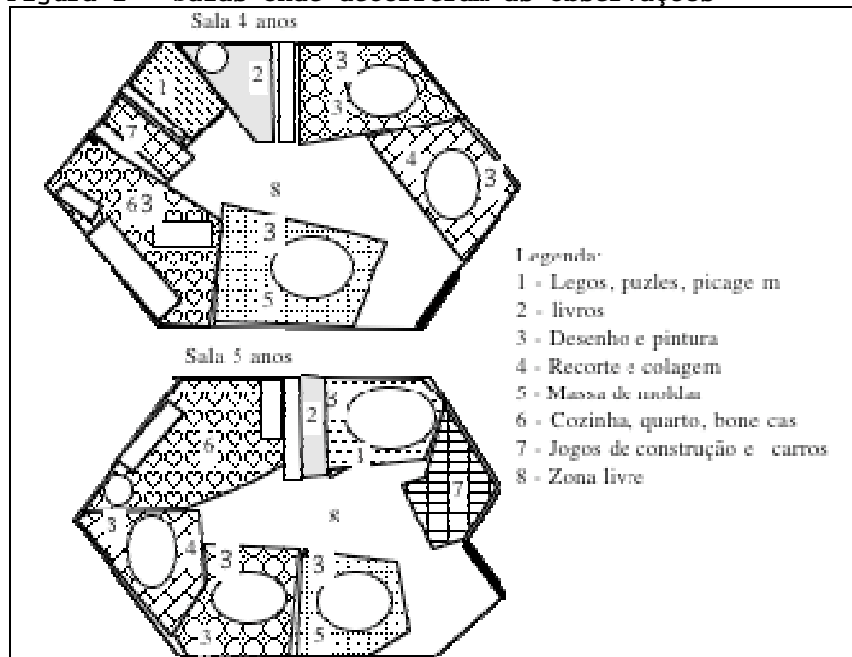
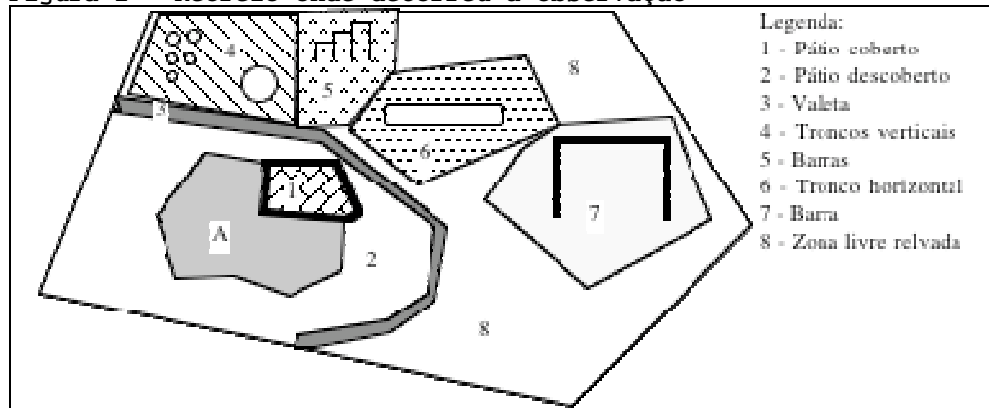


Figura 2 - Recreio onde decorreu a observação



APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Actividade Lúdica no Interior(sala) e no Exterior(recreio)

No que diz respeito ao nível de participação social, as crianças de 4 anos de idade do sexo masculino apresentam uma média de períodos mais elevada nas categorias **jogo associativo** e **jogo cooperativo**, tanto no exterior como no interior (figura 3), não havendo diferenças significativas em qualquer das categorias entre o exterior e o interior.

As crianças de 5 anos do sexo masculino apresentam no interior uma média mais elevada nas categorias **j. associativo** e **j. solitário** (9,37 e 9,25 respectivamente). No exterior as médias mais elevadas são nas categorias **j. cooperativo** e **j. solitário** (17 e 6,25 respectivamente) (figura 3), havendo diferenças significativas entre o interior e o exterior nas categorias **j. associativo** e **j. cooperativo**, sendo na categoria **j. associativo** a média mais elevada no interior e na categoria **j. cooperativo** no exterior.

Este resultado parece indicar que no interior (sala) as crianças do sexo masculino são condicionadas a brincarem em grupos pequenos (dois), talvez devido à falta de espaço e à disposição dos materiais, enquanto que no exterior (recreio), onde o espaço é amplo e, portanto aqueles condicionalismos não existem, as crianças podem brincar em grupos maiores.

As crianças de 4 anos de idade do sexo feminino apresentam, quer no interior quer no exterior, a média mais elevada na categoria **j. cooperativo** (14,5 e 13,62 respectivamente) (figura 3), não havendo diferenças significativas, em qualquer das categorias, entre o interior e o exterior. As crianças de 5 anos do sexo feminino apresentam no interior nas categorias **j. solitário** e **j. associativo** as médias mais elevadas (8,37 e 8,75 respectivamente), enquanto no

exterior a média mais elevada é na categoria **j. cooperativo** (12,5) (figura 3). Apenas existem diferenças significativas entre o exterior e o interior na categoria **j. cooperativo**, sendo a média mais elevada no exterior (3 no interior e 12,5 no exterior).

No que diz respeito ao sexo do(s) parceiro(s) de jogo, as crianças do sexo masculino de 4 e 5 anos de idade apresentam um tempo médio de interacção mais elevado com parceiros do seu sexo quer no interior quer no exterior (figura 4), não havendo diferenças significativas entre o interior e o exterior, quer na interacção com crianças do sexo masculino quer com crianças do sexo feminino.

As crianças do sexo feminino de 4 e 5 anos de idade apresentam um tempo médio de interacção mais elevado com parceiros do seu sexo, quer no interior quer no exterior (figura 4). Apenas nas crianças de 5 anos e na interacção com parceiros do sexo feminino existem diferenças significativas entre o interior e o exterior, sendo a média no exterior mais elevada do que no interior (18,8 e 14 respectivamente). Isto não significa que as meninas tenham aumentado, do interior para o exterior, o tempo de interacção com parceiros do sexo masculino, antes pelo contrário diminuiu ($x=3,25$ no interior e $x=3$ no exterior), o que aconteceu foi que aumentou significativamente do interior para o exterior (como vimos atrás) o **j. cooperativo**, aumentando, assim, a interacção entre parceiros do sexo feminino. Parece, pois, que o local de jogo não interfere na escolha do sexo dos parceiros de jogo.

Relativamente à função lúdica os jogos mais praticados no interior pelas crianças de 4 anos de idade de ambos os sexos foram os jogos onde predominou a função lúdica de **simulacro**, enquanto que no exterior foram os jogos onde predominou a **vertigem** (21,62 e 15,37 respectivamente). Nas crianças de 5 anos do sexo masculino os jogos mais praticados no interior foram os de **simulacro**, enquanto que no exterior praticaram em igual medida os jogos de **vertigem** e de **simulacro** (figura 5). Nas crianças do sexo feminino em ambas as idades predominou, tanto no exterior como no interior o jogo de **simulacro**.

Em todos os grupos considerados (idade e sexo) a função lúdica de **vertigem** aumentou significativamente do interior para o exterior, o mesmo acontecendo na função lúdica de **competição** - com a excepção das crianças de 5 anos de idade do sexo masculino que baixou -

mas apenas com significado no grupo de crianças de 5 anos do sexo feminino. Na função lúdica de **simulacro** aconteceu o inverso, diminui do interior para o exterior, embora, apenas com significado nas crianças de 5 anos do sexo feminino. Não foi registada qualquer ocorrência, quer no interior quer no exterior, na função lúdica de **sorte**.

O local de jogo parece ter grande influência nos tipos de jogos praticados, sendo a sala (interior) mais propícia para jogos de simulacro e o recreio (exterior) para jogos de vertigem e competição. O que não é de estranhar se tivermos em consideração o espaço mais reduzido da sala e os objectos nela presentes que estimulam sobretudo para os jogos de simulacro. Outro aspecto importante é, por certo, o facto de as actividades na sala serem predominantemente orientadas e serem sobretudo actividades passivas, do tipo actividades de mesa, como referiram as educadoras.

Relativamente à atitude predominante no interior a categoria com a média mais elevada nas crianças de 4 anos de idade do sexo masculino é a **intelectual** (actividades e jogos de construção), enquanto que no exterior é a **motora** (11,62 e 23,23 respectivamente) (figura 6), havendo diferenças significativas entre o interior e o exterior nas categorias **intelectual**, **motora**, e **estética**, sendo esta última, tal como a **intelectual**, mais elevada no interior.

Nas crianças de 5 anos de idade do sexo masculino a categoria com média mais elevada no interior é a **intelectual** (actividades e jogos de construção) ($x=11,25$), sendo significativa a diferença relativamente ao exterior. A categoria **motora** foi a de média mais elevada no exterior ($x= 27$), sendo significativa a diferença relativamente ao interior. Nas categorias **estética** e **sócio-afectiva** não existem diferenças significativas entre o exterior e o interior.

Nas crianças de 4 anos do sexo feminino a categoria com média mais elevada quer no interior quer no exterior é a **motora** ($x=14,12$ e $x=18,37$ respectivamente). Existem diferenças significativas entre o interior e o exterior nas categorias **intelectual** e **estética**, sendo ambas as médias mais elevadas no interior.

Nas crianças de 5 anos de idade do sexo feminino a categoria com média mais elevada no interior é a **estética** ($x=15,87$), sendo significativa a diferença relativamente ao exterior. No exterior a categoria com média mais elevada é a **motora** ($x=14,5$) (figura 6), sendo significativa

a diferença relativamente ao exterior. Há ainda diferenças significativas entre o interior e o exterior na categoria **intelectual** que apresenta a média mais elevada no interior (interior $x=7,5$; exterior $x=0$, $t=2,376$ $p<0,05$).

Figura 3 - Média dos períodos em cada categoria segundo o nível de participação social, por idade e sexo, no interior e no exterior.

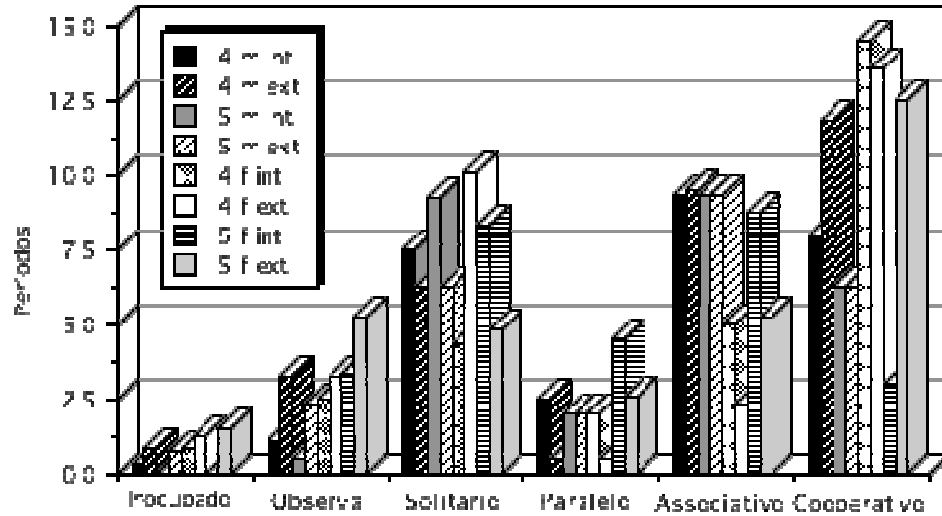


Figura 4 - Médias dos períodos de interação, por grupo de sexo e idade, segundo o sexo dos parceiros de jogo, no interior e no exterior.

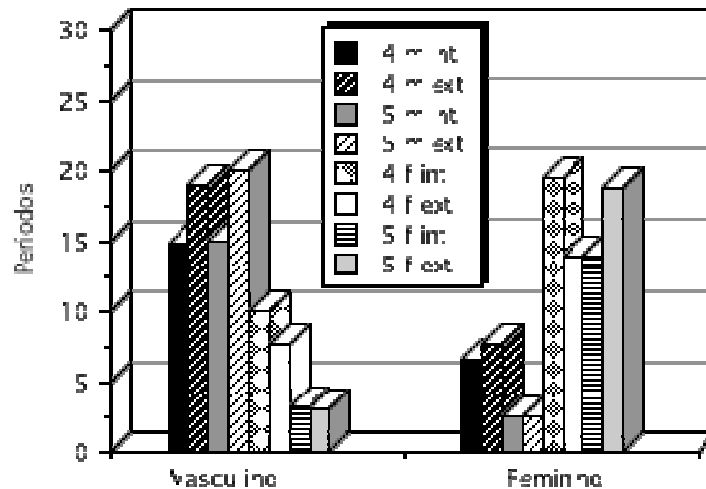


Figura 5 - Média de períodos na função lúdica, por sexo e idade no interior e exterior

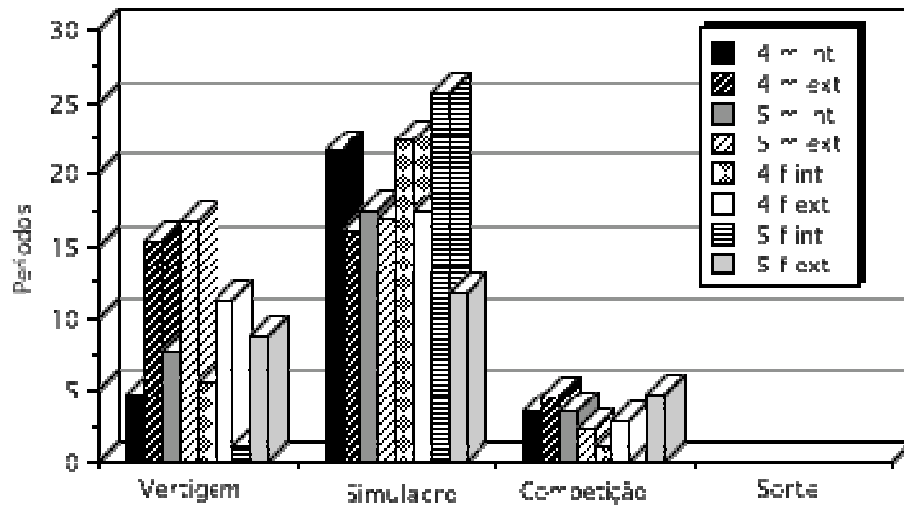
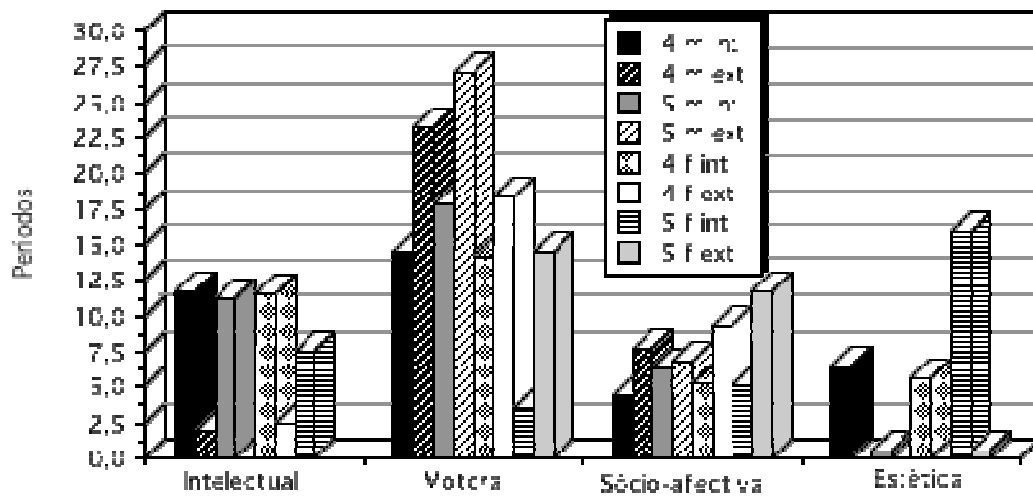


Figura 6 - Média de períodos na atitude predominante, por sexo e idade no interior e exterior



Caracterização da Actividade Lúdica Segundo o Sexo

No que diz respeito ao nível de participação social e considerando os totais (interior + exterior) apenas nas categorias **observa** e **j. associativo** existem diferenças significativas entre os dois sexos, tendo as crianças do sexo feminino a média de períodos mais elevada na categoria **observa** e as do sexo masculino na categoria **j. associativo**. Verifica-se também que na categoria **j. cooperativo** a idade é um factor com grande influência nas diferenças do jogo

das crianças , verificando-se que as diferenças existentes entre os dois sexos dependem significativamente da idade das crianças, pois existe uma interacção significativa dos dois factores. Isto pode ser devido ao facto de as crianças mais novas (4 anos) terem mais dificuldade em manterem uma actividade no seio dum grupo organizado do que as mais velhas (5 anos), pois, a organização da actividade necessita que os esforços das crianças sejam complementares. Na categoria **j. associativo** verifica-se que as diferenças existentes entre os dois sexos também depende da idade das crianças, já que existe uma interacção significativa dos dois factores.

Verifica-se, assim, que nas categorias de jogo segundo o nível de participação social as crianças se distinguem sobretudo através da idade e não através do sexo, verificando-se, no entanto, que as meninas apresentam mais períodos de “passividade” do que os rapazes, uma vez que apresentam valores médios mais elevados na categoria **observa e inocupado**.

No que diz respeito ao sexo do(s) parceiro(s) de jogo e considerando os totais verifica-se que existem diferenças significativas entre as crianças dos dois sexos na escolha de parceiros, tanto na categoria **sexo masculino** como na categoria **sexo feminino**. As diferenças existentes entre os dois sexos na categoria **sexo masculino** são dependentes da idade, pois, existe interacção significativa dos dois factores. As diferenças entre os dois sexos na escolha dos parceiros de jogo mantêm-se considerando só os dados do exterior ou só os dados do interior. Elas são no sentido de as meninas e os meninos preferirem como parceiros de jogo crianças do seu próprio sexo. A interacção entre as crianças dos dois sexos é, pois, pequena. Estes resultados vão de encontro aos dados recolhidos na entrevista (quadro A), na qual as meninas referiram que não gostavam de brincar com os rapazes: “só fazem disparates”; “só gritam”; “se eu fosse rapaz transformava-me em rapariga”. Estes resultados confirmam os dados da literatura e resultam, por suposto, das diferenças nos tipos de jogo praticados pelos dois sexos, como veremos adiante.

No que diz respeito à função lúdica convém desde já assinalar que em todas as crianças houve uma ausência total de **j. de sorte**. Este facto deve-se, por certo, ao seu baixo nível etário, pois, como refere ROGER CAILOIS (1958), os jogos de sorte necessitam de uma atitude que

exige uma possibilidade de previsão de representação e de especulação, para a qual é necessária uma reflexão objectiva e calculista, que as crianças ainda não possuem.

Considerando os resultados totais e os dados obtidos no exterior, verificamos que só na categoria **j. de vertigem** é que existem diferenças significativas entre os dois sexos, tendo as crianças do sexo masculino obtido a média mais elevada nas duas idades. No entanto, no interior verificamos que existem diferenças significativas entre o sexos em todas as categorias onde obtivemos dados, tendo as crianças do sexo feminino obtido a média mais elevada nas duas idades na categoria **j.simulacro** e aos 4 anos na categoria **j. vertigem**. As crianças do sexo masculino obtiveram a média mais elevada nas duas idades na categoria **j. competição**. Na categoria **j. vertigem**, considerando os totais, verificamos que as diferenças existentes entre os dois sexos dependem da idade, pois verifica-se uma interacção significativa dos dois factores.

Estes resultados indicam que no recreio o jogo das meninas se aproxima do jogo dos meninos, enquanto que na sala ele se distingue bastante. Chegaremos à mesma conclusão se analisarmos os dois espaços de jogo (sala e recreio) quanto à frequência das diferentes zonas pelos dois sexos. No exterior não existem diferenças acentuadas na frequência das várias zonas pelas crianças dos dois sexos (figura 7), enquanto que no interior essas diferenças são claramente visíveis (figura 8), podendo mesmo fazer-se uma topografia do espaço de jogo segundo o sexo. Assim, as zonas 1, 2 e 7 podem ser consideradas zonas predominantemente masculinas; as zonas 3, 4 e 6 podem ser consideradas zonas predominantemente femininas e as zonas 5 e 8 podem ser consideradas zonas mistas.

Qual a razão porque o jogo das meninas no recreio se aproxima do jogo dos meninos, enquanto que na sala ele é tão diferente?

Pensamos que se deve a factores de socialização parental. As crianças transferem para o jardim infantil e em toda a sua actividade, o estereotipo sexual adquirido no lar. Como sabemos, a socialização da criança processa-se fundamentalmente a três níveis: na família, na escola e na interacção com outras crianças. Nas crianças pequenas aquele que tem maior importância é sem dúvida o familiar. A família transmite os valores próprios e sociais dominantes, acerca de como os rapazes e as raparigas se devem comportar e emprega métodos

desde os mais grosseiros aos mais subtis, por exemplo a oferta de brinquedos. Destacamos aqui os dados da entrevista acerca dos brinquedos preferidos, as meninas referem que preferem bonecas, enquanto os meninos dão preferência a brinquedos como os carros, skates, etc (quadro A). Também é importante salientar o facto de as meninas referirem que em casa brincam com amigas e irmãos ou sozinhas e não brincarem nem com o pai nem com a mãe, enquanto os meninos referem que brincam com o pai sobretudo jogos de luta. Sendo a sala o espaço de jogo que mais se identifica com a sua própria casa e porque nela passam grande parte do tempo - apenas estão no recreio 30 minutos por período do dia, conforme foi referido pelas educadoras, é nele que as diferenças no jogo entre os dois sexo mais se fazem notar.

Figura 7 - Média de períodos de frequência das diversas zonas da sala segundo a idade e o sexo

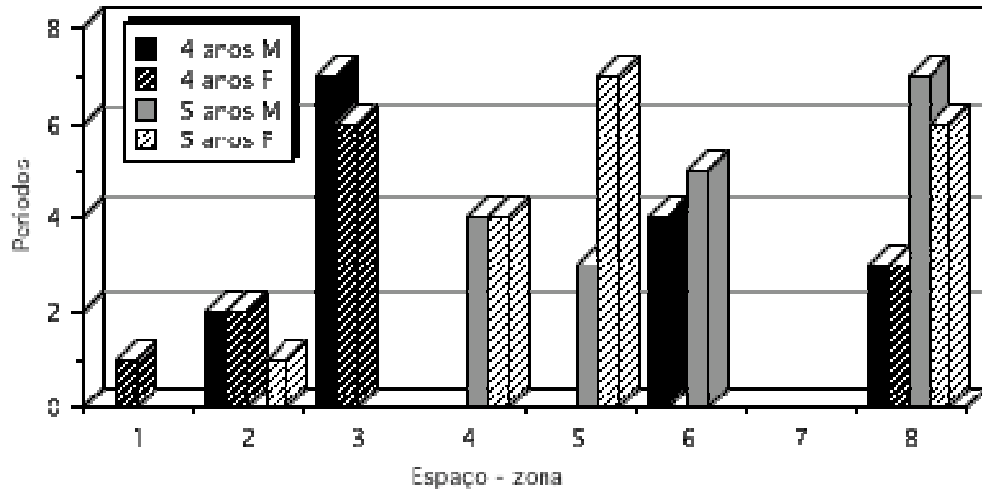
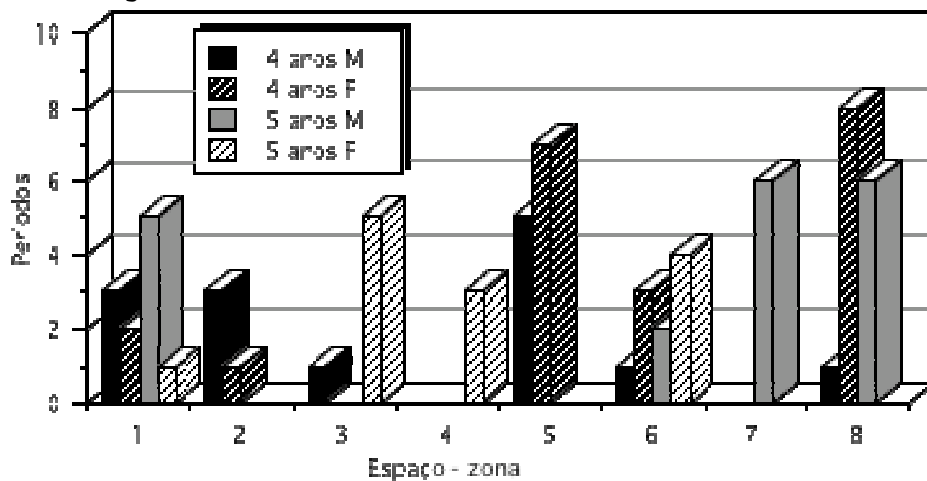


Figura 8 - Média de períodos de frequência das diversas zonas do recreio segundo a idade e o sexo



Quadro A - Dados obtidos através de entrevista

		Meninos		Meninas	
		4 anos	5 anos	4 anos	5 anos
Atividades preferidas	Sala	Escondidas Massa de moldar Carros Bonecas	Construções Massa de moldar Desenho	Bonecas Desenho Legos	Desenho Pintura Massa de moldar Construções (às vezes)
	Recreio	Carros Correr	Luta Barras Correr Fazer bonecos Andar nos pauz Fazer armadilhas Escondidas	Barras Atirar pedras	Lobo-mau Correr Barras
	Casa	_____	Bicicleta Carros Jogar à bola Brincar com animais Correr e saltar Luta (com o pai)	"Casinhas" Escondidas	"Casinhas"
Brinquedos preferidos	Espaca Jogo das pulgas Legos Carros	Caixa de ferramenta "Transformer" Skate Carros Espada/pistola/setas	Bonecas Legos	Bonecas	
Companheiros de brincadeira	_____	No jardim-de-infância: rapazes Em casa: com o pai à luta	No jardim-de-infância: com as meninas Em casa: com irmãos e amigas	No jardim-de-infância: com as meninas Em casa: com amigas e sózinhas	
Observações	_____	Em casa não brincam com a mãe. No jardim-de-infância preferem brincar no recreio.	Não gostam de brincar com os rapazes ("se eu fosse rapaz transformava-me em rapariga"). Não gostam de carros ("é brinquedo de rapaz, as bonecas são das raparigas").	Dizem que os rapazes gostam de legos. Não gostam de brincar com os rapazes porque "são fazem disparates", "são gritam"; "dão-nos empurrões", "rão sabem brincar". Em casa não brincam com a mãe porque "tem muito que fazer".	

Analisando os dados totais, no que diz respeito à atitude predominante, verificamos que em ambos os sexos a categoria com média mais elevada é a **motora**, ainda assim, existindo diferenças significativas entre os dois sexos, com os meninos a apresentarem uma média mais elevada. Estas diferenças são dependentes da idade, uma vez que existe interação significativa entre os dois factores - sexo e idade.

Considerando apenas os dados do exterior, verificamos que a situação se mantém para a categoria **motora**, deixando, no entanto, a idade de ter qualquer influência. Existem diferenças

significativas entre as duas idades na categoria **intelectual**, não tendo as crianças de 5 anos nenhum período na categoria **intelectual**.

Considerando agora só os dados do interior, verificamos que as diferenças entre os dois sexos se estendem para além da categoria **motora** - onde as diferenças dependem da idade, pois existe interacção significativa dos dois factores - à categoria **estética**, tendo as meninas a média mais elevada - onde também as diferenças dependem da idade.

Estes resultados vêm confirmar aquilo que dissemos atrás sobre a acentuação das diferenças entre os dois sexos quando se considera a actividade lúdica no interior (sala) relativamente à actividade lúdica no exterior (recreio), revelando que o jogo dos meninos é mais activo que o das meninas, apresentando aqueles mais actividades lúdicas que solicitam o corpo e a destreza física, enquanto as raparigas apresentam mais actividades lúdicas onde o estético e a manualidade predominam, sendo sobretudo actividades de mesa.

CONCLUSÕES

O local de jogo tem grande influência nos jogos praticados pelas crianças, sendo o espaço exterior propício para jogos de vertigem e competição com uma atitude predominantemente motora e em grupos maiores. O espaço interior, por seu lado, é propício para jogos de simulacro com uma atitude predominantemente intelectual ou estética. Quando consideramos as diferenças entre sexos no jogo, verificamos que o local de jogo interior acentua essas diferenças.

A idade das crianças tem grande influência no nível de participação social e na função lúdica do jogo, verificando-se nesta última uma completa ausência de jogos de sorte.

O sexo das crianças é um factor de grande influência nos tipos de jogo praticados. O jogo das meninas é menos activo do que o dos meninos, sobretudo aos 5 anos de idade, praticando os meninos mais jogos de competição e vertigem com uma atitude predominantemente motora e as meninas jogos de simulacro com uma atitude predominantemente estética. Verifica-se, também, uma clivagem na interacção dos dois sexos. As crianças interagem predominantemente com crianças do mesmo sexo. Estas diferenças não são tão acentuadas quando consideramos as

crianças de 4 anos de idade, o que levanta a hipótese da acentuação das diferenças com o aumento da idade.

Pelos resultados obtidos podemos constatar que as crianças sofrem influências diferenciadas conforme o sexo durante o seu processo de socialização que vão reflectir-se nas características da sua actividade lúdica, sendo o estereótipo sexual, com os papéis e estatutos atribuídos a cada sexo, independentemente de qual o meio que maior influência tem na sua formação (família, escola e parceiros), assimilado desde muito cedo pelas crianças.

BIBLIOGRAFIA

- CAILLOIS, Roger. LES JEUX et les hommes. Ed. Gallimard. Paris, 1958.
- COSTA, Ana Cristina. O Recreio: um espaço por conhecer. Horizonte vol. II, nº38, Jul/Ago. Lisboa, 1990.
- HARTUP, W. W. PEER relations. In: Hetherington E. M. (ed). ; Handbook of Child Development vol. IV Socialization, personality, and social development. John Wiley & Sons. 4ª ed. Nova Iorque, 1983 (pp. 103-196).
- LOPES, António Mendes. As Actividades Lúdicas das Crianças do Ensino Primário em Espaços de Recreio Escolar nos Meios Rural e Urbano - estudo comparativo. U.T.L., ISEF, Monografia de mestrado. Lisboa, 1988.
- PIAGET, Jean. A Formação do Símbolo na Criança. Zahar editores, 3ª ed. Rio de Janeiro, 1978.
- PIAGET, Jean. LE JUGEMENT moral chez l'enfant. P.U.F. Paris, 1979.
- RUBIN et al. Play. In: Hetherington E. M. (ed). ; Handbook of Child Development vol. IV Socialization, personality, and social development. John Wiley & Sons. 4ª ed. Nova Iorque, 1983 (pp.693-774).
- RUBIN, K. H.; MAIONI, T. C.; HORNUG, N. FREE play behaviors in middle and lower class preschoolers: Parten and Piaget revisited. Child Development Vol. 47. 1976 (pp. 414-419).
- SERBIN, L. A.; TONICK, I. J.; STERNGLANZ, S. H. SHAPING cooperative cross sex play. Child Development Vol.48. 1977. (pp. 924-929).
- SMITH, P. K.; CONNOLLY, K. PATTERNS of play and social interaction in preschool children. in: N. Blurton - Jones (eds), Ethological Studies of Child Behavior. Cambridge University Press. Cambridge, 1972.